



A língua brasileira de sinais e o telejornalismo: uma análise do Jornal Visual da Rede Minas.¹

Cristiane CÂNDIDO²
Laene MUCCI DANIEL³
Universidade Federal de Viçosa, MG

Resumo

Este artigo tem por objetivo propor a discussão sobre o uso da língua brasileira de sinais em telejornais. Para isso analisaremos o Jornal Visual da Rede Minas observando a estrutura das notícias e como as informações são associadas às imagens. Também analisaremos o figurino da apresentadora-intérprete e como ele pode ajudar ou atrapalhar na comunicação com o surdo⁴ além das cores escolhidas para roupa e cenário.

Palavras-chave

Língua de sinais; figurino; telejornalismo em LIBRAS; cores do cenário.

Introdução

Sabemos que os meios de comunicação têm uma influência muito grande na vida das pessoas. Segundo Costa (2002) eles contribuem hoje de maneira decisiva, para a construção social da realidade. Entre eles está a televisão que segundo Rezende (2000) é um dos veículos de comunicação mais populares do mundo. No Brasil isso não é diferente. A TV além de ser presença maciça nos lares, atualmente, é uma das principais fontes de informação dos brasileiros.

Segundo Paternostro (1999) A televisão combina a utilização simultânea de dois sentidos do ser humano, a visão e a audição. Mas e os surdos, a televisão tem pensado neles?

Dados do Censo 2000 do IBGE revelam que no Brasil 24,6 milhões de pessoas apresentam algum tipo de incapacidade ou deficiência. Entre eles, cerca de 5,7 milhões

¹Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

²Estudante de graduação do curso de Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, e-mail: cristiane.candido@ufv.br

³Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social- Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, e-mail: laenemucci@gmail.com

⁴ Usaremos esta definição, pois a comunidade surda entende a surdez como uma limitação e não uma deficiência. Sendo assim preferem serem chamados de surdo.



tem algum grau de deficiência auditiva e um pouco menos de 170 mil se declararam surdos.

“O primeiro telejornal da TV brasileira foi Imagens do Dia, e nasceu junto com a TV Tupi de São Paulo, em 1950” (PATERNOSTRO, 1999, p.35). Sessenta e dois anos se passaram e o objetivo de promover a cidadania levando a informação a todos se manteve. No entanto isso nem sempre acontece. Em Minas Gerais onde existe distintos telejornais em mais de 50 canais de TV aberta, apenas um é direcionado aos surdos e feito na língua brasileira de sinais- LIBRAS.

Sabendo que pouco se fala ou estuda sobre os telejornais em LIBRAS, o que se pretende é analisar o Jornal Visual da Rede Minas. Observaremos a estrutura das notícias, como elas são passadas, pensando na associação com as imagens. E também nos atentaremos para a identidade visual, o uso das cores e o figurino. Analisaremos como estes aspectos interferem no processo comunicacional do telejornal. Levando em consideração que segundo Amaral (1973) as cores podem produzir impressões, sensações e reflexos sensoriais de grande importância. Sendo assim tanto o figurino quanto as cores podem ajudar ou prejudicar na apresentação da notícia.

Consideraremos a afirmação de Emerim que diz “no telejornalismo, a roupa, a gestualidade, o tom de voz e as expressões faciais são parte da reportagem, contam narrativas tanto quanto as notícias” (EMERIM, 2010, p. 8). Logicamente adaptando-a a linguagem se sinais.

Considerações sobre a Língua brasileira de sinais

As Línguas de Sinais foram e vem sendo construídas ao longo da história das comunidades surdas do mundo inteiro. Logo cada país possui suas especificidades, ou seja, a língua usada no Brasil não é a mesma da França. Além disso, como na língua oral dentro do mesmo país acontecem variações dialéticas e sotaques regionais. Skiliar reforça dizendo que,

Os surdos criaram, desenvolveram e transmitiram, de geração em geração, uma língua, cuja modalidade de recepção e produção é visogestual. Muitos supõem que essa modalidade lingüística nasceu porque a deficiência auditiva impede os surdos de acederem à oralidade. Assim, a língua de sinais deixa de ser vista como um processo e como um produto construído histórica e socialmente pelas comunidades surdas. (SKLIAR, 2005, p. 23)



No Brasil a Língua de sinais é conhecida como LIBRAS, língua brasileira de sinais. Ela foi reconhecida como forma de comunicação e expressão das comunidades surdas pela Lei nº10.436 de 2002 e regulamentada pelo Decreto nº5.626 de 2005. O artigo 1º desta mesma lei possui um parágrafo único que define a LIBRAS como “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.”

Muitos pensam que as Línguas de Sinais são mímicas e/ou gestos soltos, que os surdos usam para se comunicar. Mas na verdade ela possui estrutura gramatical própria. Os sinais são formados por meio da combinação de formas e de movimentos das mãos e de pontos de referência no corpo ou no espaço. Assim devemos estar atentos a essa formação de sinais diante das câmeras do Jornal Visual.

Jornal Visual

O Jornal Visual foi criado em outubro de 1995, e ainda é o único telejornal exibido na Língua Brasileira de Sinais, LIBRAS, no estado de Minas Gerais. Ele vai ao ar de segunda a sexta-feira, às 7h50min, com reapresentações às 12h50min. E aos sábados, sempre no horário de 12h25min. Tem duração média de oito minutos, e não possui intervalos comerciais.

O telejornal é apresentado pela jornalista e intérprete de Libras, Rosane Lucas. A editora é a Nelyzeth Lisboa que é formada em Jornalismo e Relações Públicas, e possui pós-graduação em Marketing. Atualmente, além de redigir, narrar e dirigir o Jornal Visual, Nelyzeth é editora de texto no Depto de Jornalismo da Rede Minas.

A narração e a tradução em Libras são feitas simultaneamente, sendo que somente a intérprete aparece, ou seja, a narração é em *Off*⁵. A maioria das notícias não é factual, ou quente. São priorizadas as notícias frias. Os temas mais abordados são: serviço, economia, saúde, emprego, esporte, comportamento, cultura e política.

O cenário tem um lado com fundo azul claro e uma televisão e outro lado onde devido à luz o azul fica mais escuro. Deste lado aparece vermelho e branco, onde essa última predomina. Não tem bancada. A apresentadora fica todo o tempo de pé, mas a filmagem não pega a parte inferior da perna. A arte é uma faixa vermelha onde fica o

⁵É a narração da notícia gravada por um locutor (repórter) e colocada durante a matéria.



nome do telejornal e com continuação em preto onde fica o assunto, ou o nome do repórter ou entrevistado. Na parte inferior existe uma faixa mais larga em tom de cinza escuro e transparente onde aparece o direcionamento da matéria ou a descrição dos entrevistados ou ainda a cidade onde o repórter se encontra. As letras do gerador de caracteres, *GC*⁶, são sempre brancas, sendo que as da parte preta são em negrito e maiúsculo.

Na hora das reportagens com Vídeo Tape, *VT*⁷, a tela é dividida em duas partes, sendo que o lado da tradutora é o menor. Nessa hora ela fica sempre do lado direito da tela e perto do fundo azul escuro, branco e vermelho do estúdio. No lado esquerdo é exibida a reportagem.

É bom lembrar que apesar do jornal ser produzido para surdos, durante todo o tempo ele é narrado e as reportagens são faladas o que permite que os não surdos também acompanhem o programa.

O figurino e as cores

Em um telejornal a informação certamente é o fator mais importante. No entanto é preciso estar atento a outros elementos e um deles é o figurino dos jornalistas. O que os apresentadores e repórteres usam tem um papel muito importante, pois muitas vezes a roupa ou o cabelo chama mais atenção do que a própria notícia. Isso nunca deve acontecer. Sendo assim os apresentadores e repórteres devem assumir uma postura mais discreta. Yorke (1998) reforça dizendo que uma blusa de babados, um decote mais ousado ou um desenho diferente da gravata, pode ser motivo de distração das pessoas que assistem TV, tirando a atenção daquilo que está sendo dito.

No entanto como o próprio Yorke diz não existe uma regra que defina qual é a roupa adequada. Assim quem irá definir o figurino é o próprio telejornal. É bom reforçar que “Figurino não é moda; ele apenas inclui a moda. Ou melhor, reapropria-se dela para criar os personagens” (ARRUDA & BALTAR, 2008, p. 16).

Além disso, Yorke e Polito afirmam que os assessórios, principalmente os grandes, brilhantes e barulhentos, que chamam muita atenção, devem também ser evitados. A extravagância não é bem vista pelos autores.

⁶Gerador de caracteres é usado para identificar quem aparece na tela, para reforçar uma informação do off ou da imagem.

⁷ Equipamento eletrônico que grava o sinal de áudio e vídeo gerado por uma câmera.



Também é bom estar atento ao quesito cor, para isso “evite roupas listradas, xadrez, com estampas pequenas e de cores berrantes ou chamativas, como o vermelho e o branco, que acabam sobrepujando a imagem da pessoa” (POLITO, 2006, p. 220). Amaral (1973) diz que as cores influenciam e interferem na vida do ser humano podendo criar desde alegria, equilíbrio, calor a tristeza, desequilíbrio e frio. E acrescenta,

As cores podem produzir impressões, sensações e reflexos sensoriais de grande importância, porque cada uma delas tem uma vibração determinada em nossos sentidos, e pode atuar como estimulante ou perturbador na emotividade, na consciência e em nossos impulsos e desejos. (AMARAL, 1973, p.43)

O azul é uma cor muito usada na televisão por dar ideia de profundidade, ser fria e transmitir calma. Porcello diz que “O azul é considerado a cor da TV. Fundos em estúdio, bancadas de telejornais e vinhetas de programas jornalísticos, em todo o mundo, adotam prioritariamente a cor azul em sua identidade visual” (PORCELLO, 2005, p.80). Isso pode ser explicado pela citação de Cardoso se referindo ao Jornal Nacional onde ele diz que “o predomínio do azul no cenário em planos fechados embebe a cena com as qualidades fundamentais para a imagem do telejornal: confiança, verdade e seriedade” (CARDOSO, 2008, p. 63).

Já o vermelho é uma cor estimulante, quente a cor do calor. Ele simboliza amor, paixão e também ódio, guerra, destruição. O branco representa paz, pureza, felicidade, confiança.

É preciso estar atento a essas significações na hora de escolher o figurino assim como para definir as cores que serão usadas no estúdio, pensando em todo momento no telespectador e na informação que deve sempre aparecer em primeiro lugar.

A percepção visual dos sinais

Segundo Strobel e Fernandes (1998) para realizar a linguagem de sinais são feitas combinações de configuração de mão, que é a forma que a mão assume, de movimento, que é o deslocamento da mão no espaço durante a realização do sinal e do ponto de articulação ou o lugar do corpo onde será realizado o sinal. Ainda é preciso contar com a disposição e a orientação das mãos e a região de contato. Por exemplo, um só configuração de mão pode significar várias palavras, o que vai mudar é o movimento,



o lugar usado e a expressão facial. As principais áreas de articulação dos sinais são mãos, cabeça, tronco e espaço neutro.

Assim o intérprete deve conhecer bem os sinais e ter muita postura, pois qualquer movimento indesejado pode mudar a mensagem. Imaginem como é difícil prestar atenção a todos estes itens durante uma reportagem de três minutos com termos complexos e às vezes desconhecidos.

Por isso, assim como no telejornal convencional os intérpretes de libras também devem assumir uma postura discreta e usar um espaço que beneficie a percepção visual. Se em um telejornal convencional os babados, roupas chamativas, brincos, colares e pulseiras brilhantes não devem ser usados, no caso do jornal visual muito menos. Esses adereços chamam muito atenção e dificultam a interpretação. Assim também deve ser pensado o cenário. Nada de cores perturbadoras, como o predomínio do vermelho, por exemplo.

Análise dos telejornais

Foram analisadas três exibições do Jornal Visual escolhidas de forma aleatória. O objetivo é observar como as notícias são passadas além de analisar a relação das imagens com o texto. Também atentaremos para o figurino da apresentadora e as cores do estúdio.

No dia três de Outubro de 2011 o jornal teve duração de 7 minutos e 44 segundos. As duas matérias do dia possuíam imagens. A apresentadora estava usando um vestido azul escuro.

Primeira reportagem. GC: “Jornal Visual- Dona de Casa- Redução da contribuição do INSS”. A apresentadora faz a cabeça⁸ da matéria. O repórter faz a narração durante quase todo o tempo em *off*, ou seja na maioria das vezes só sua voz aparece. As primeiras imagens retratam uma dona de casa fazendo uma faxina. Ela é entrevistada por 20 segundos e depois continua as imagens da arrumação enquanto o repórter fala. Em seguida aparecem imagens da coordenadora do Instituto Movimento das Donas de casa. O tempo de fala e exposição do GC, cerca de cinco segundos, são os mesmos para as duas. A locução continua em *off* e aparecem imagens da coordenadora mostrando um livro, certamente com as leis, para o repórter. Depois vêm imagens de

⁸Texto lido pelo apresentador para introduzir a reportagem



pessoas cruzando a faixa de pedestres em Belo Horizonte, o repórter aparece, com uma camisa roxa e terno preto, o *GC* fica por três segundos. Algumas pessoas na rua dão opiniões sobre o tema, mas sem identificação oral e escrita. O pé da matéria⁹ ou nota pé é feito pela apresentadora no estúdio. Ela volta para perto do fundo azul onde começou.

A segunda reportagem é sobre flores. Durante cinco segundos fica o novo *GC*: *Jornal Visual- Flores- Um bom negócio na primavera*. A tela é novamente dividida. Como na primeira o repórter na maior parte do tempo em *off* e muitas imagens internas de uma floricultura no mercado central de Belo Horizonte. São feitas três entrevistas. Com uma senhora que estava comprando flores, sem identificação, com o dono da floricultura e o gerente onde a identificação escrita aparece. As imagens e as cores são bem exploradas. A repórter aparece em uma floricultura, usando camisa branca e um suéter verde claro. A passagem é bem rápida e volta para o *off*. É interessante observar que em seguida ela fala de cravos, rosas, orquídeas, arranjos e as imagens vão aparecendo de acordo com sua fala. A gerente da loja é entrevistada. Volta para o estúdio e a apresentadora finaliza o programa no mesmo plano azul.

Observamos que como em todas as matérias jornalísticas as fontes são ouvidas, mas é sempre bem rápido. Quando existe a necessidade de prolongar a fala ela é colocada em *off*, as imagens são a prioridade. Também observamos que a apresentadora fica o tempo todo de pé o que facilita a visualização dos sinais. Isso é uma característica do jornal.

O vestido usado pela apresentadora é de cor lisa, azul escuro e discreto, mas é preciso ter cuidado, pois o fundo do estúdio também é azul. Ela não usa nenhum tipo de adereço no braço ou no pescoço. Como já dito isso é muito importante, pois ao contrário dificultaria o olhar e desviaria a atenção do telespectador.

Outro fato que chamou atenção foi a cor do suéter usada pela repórter na matéria das flores. Um verde bastante chamativo. É difícil prestar atenção na intérprete quando a repórter aparece no outro lado da tela. Percebemos, no entanto, que o *GC* é bem explorado pelo telejornal. O branco no preto facilita a leitura e o bom tempo de exposição colabora com os surdos que não dominam muito bem o português escrito.

O telejornal exibido no dia 11 de Abril de 2012 com duração de 8 minutos e 28 segundos, tem uma nota seca¹⁰ e três reportagens. A apresentadora está usando uma blusa azul e brincos.

⁹ Uma nota lida no final de uma matéria trazendo informação complementar ou que faltou à reportagem.

¹⁰ A notícia lida pelo apresentador sem qualquer imagem de ilustração.



O jornal começa com uma nota seca sobre a feira de tecnologia em reabilitação. Arte: Jornal Visual- Reatch- Feira de Tecnologia em Reabilitação. A apresentadora fala sobre o evento, as datas e deixa o site para mais informações que também aparece de forma escrita na tela.

Já a primeira reportagem é sobre a lei do silêncio. GC: Jornal Visual- Lei do Silêncio- Belo Horizonte. A apresentadora faz a cabeça da matéria. A tela é dividida e as imagens são do arquivo. São pessoas em bares de Belo Horizonte na parte da noite. A reportagem fala das reclamações de barulho fora do horário na cidade. Assim para diminuir a procura pela polícia militar na hora de pedir a punição a prefeitura anuncia reforço na equipe de fiscalização. Vem a fala da secretária municipal de fiscalização e do coronel da polícia militar, com identificação escrita. Volta a passar as mesmas imagens e em seguida a secretária fala sobre o valor das multas para quem descumprir a lei. A apresentadora finaliza a matéria falando sobre o disque sossego e como acionar a polícia militar, as informações, nome e número de telefone, aparecem na tela.

A segunda matéria é sobre os neuróticos anônimos. GC: Jornal visual- Neuróticos Anônimos- Juíz de Fora. A reportagem é da TV Educativa (TVE). Como o grupo é de anônimos os entrevistados não aparecem. O primeiro fica de costas e com a voz modificada. Durante sua fala aparece uma legenda. O repórter está usando um terno preto e uma camisa rosa claro. A segunda e a terceira entrevista seguem o mesmo formato da primeira, a mulher fica de costas, voz modificada, o repórter aparece e tem legenda. A apresentadora finaliza ensinando como entrar em contato com o grupo. O site e o telefone aparecem na tela.

A terceira reportagem é sobre o vandalismo com os telefones públicos. GC: Jornal visual-Telefone Público-Vandalismo. Divide a tela. As imagens são de pessoas usando o celular e em seguida um rapaz na rua fala da importância que o telefone público ainda tem. O repórter que está de terno preto e camisa azul clara, fala do grande número de telefones danificados na capital e mostra um telefone estragado. Com identificação escrita. Outras imagens de telefones agora com marcas de pichação. Imagens de uma cabeleireira usando o telefone, identificada por nome, mas sem uso de escrita. A apresentadora mostra a posição da empresa que administra os orelhões em Minas Gerais, a OI e fala que solicitações de reparo podem ser feitas pelo telefone, o número aparece na tela. A edição termina e o endereço eletrônico do programa aparece.

Observamos que a primeira reportagem foi bastante pobre na exploração de imagens chegando até a repetir a mesma cena. Paternostro (1999) diz que “Para escrever



um texto de TV, precisamos, antes de tudo, saber quais as imagens disponíveis que temos para serem usadas de forma coordenada com a informação” (PATERNOSTRO, 1999, p.72-73). No entanto a finalização tem um ponto muito forte que é a prestação de serviço com o fornecimento dos números da polícia militar e do disque sossego.

Na segunda é importante atentar para a preservação das fontes, não mostrando seus rostos e modificando a voz, mas sem deixar prejuízo para o telespectador já que as falas estavam transcritas na tela. Também vale lembrar que a reportagem foi produzida por outro telejornal. No final a apresentadora também informa como entrar em contato com o grupo. Finalmente na terceira ficamos atentas as imagens que foram bem exploradas, deixaram bem claro como os telefones públicos são tratados nas ruas.

O telejornal do dia 17 de Abril de 2012 tem duração de 7 minutos e 8 segundos. A apresentadora está usando uma camisa amarelo-clara de botão e uma calça preta. O jornal tem uma nota seca, e duas reportagens.

GC: Jornal Visual- Acampamento Mundial de Surdos- 2 a 9 de Junho de 2012- Espanha. A apresentadora fala dos dias, os valores, a programação e o site do acampamento que também aparece na tela.

A primeira reportagem fala que o número de jovens entre 18 e 25 anos que pediram empréstimos no país cresceu e eles também engrossaram a lista dos que não conseguem pagar as dívidas. *GC: Jornal Visual- Jovens Endividados- Pesquisa Serasa.* Imagens de pessoas nas ruas da capital mineira e entrevistas rápidas com jovens sobre a preferência por compras parceladas ou a avista. A repórter aparece e fala do perigo do crescimento de empréstimo para jovens. Tem uma entrevista com uma estudante que acumulou mais de oito mil reais em dívidas. Depois um economista fala da imaturidade dos jovens para lidar com o crédito e volta na estudante falando o que aprendeu com tudo isso. Todas tiveram identificação escrita.

A segunda reportagem é sobre os benefícios e prejuízos da revitalização da Savassi. *GC: Jornal Visual- Revitalização da Savassi- Perdas e Ganhos.* Imagens da Savassi com ruas sujas, obras e comércios fechados. Entrevista com um dono de loja falando que as pessoas não estão conseguindo ou desistindo de ir até lá por causa da falta de estacionamento, policiamento e até mesmos de lojas. São apresentados dados de uma pesquisa escritos na tela. Entrevista com a gerente do departamento de economia Fecomércio que também fala dos prejuízos para o comércio. A presidente da associação lojista da Savassi fala da especulação imobiliária que está afetando os lojistas. Todos os entrevistados foram identificados. A apresentadora encerra dizendo que segundo a



prefeitura de BH a obra está atrasada porque os lojistas pediram para que ela fosse suspensa no período de Natal.

Notamos que na segunda reportagem apesar do nome “perdas e ganhos”, tanto as falas como as imagens só mostraram os prejuízos da obra. Já na dos jovens endividados foi interessante colocar a fala de diversos jovens na rua e focar no caso da estudante, interrompendo a fala com a visão de uma especialista e voltando com informações sobre o que ela pode aprender, ou seja, uma lição sobre o que não fazer. Já a nota seca apesar de inviável para grande número dos telespectadores, devido ao local, é uma prestação de serviço importantíssima para o público alvo do jornal. Quanto à roupa amarelo claro dificultou bastante por dois motivos. Primeiro a apresentadora tem a pele clara. Segundo a luz estava provocando muita sombra na camisa. Sendo assim em determinados momentos fica difícil acompanhar os sinais.

Considerações finais

Depois de observar esses três telejornais e acompanhar alguns outros, percebemos que se pensando nos telejornais tradicionais, o Jornal Visual segue a mesma estrutura de notícias. Utiliza-se de notas secas, notas cobertas¹¹, *GC, off*, fala de entrevistados e nota pé.

Uma das preocupações da comunicação televisiva, como relata Paternostro é “fazer com que texto e imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir, perde a sua função” (PATERNOSTRO, 1999, p. 72). Esse é um ponto bastante importante de ser pensando no Jornal Visual, pois a competição entre os sinais e as imagens nunca deve acontecer. Assim, apesar do Jornal Visual necessitar muito das imagens, na maioria das vezes, ele consegue fazer com que o texto a complete não praticando a redundância.

O jornal tem um tempo muito limitado, sendo assim no máximo quatro assuntos são abordados. Também foi notada a falta de entrevistados no estúdio. Eles poderiam enriquecer muito o telejornal. Além de reforçar a atenção dos surdos já que com certeza é muito mais fácil prestar atenção e absorver informações com a tela inteira do que quando ela está dividida.

¹¹ Nota cuja cabeça é lida pelo apresentador e o texto seguinte é coberto com imagens.



Além disso, as notícias são sempre frias. É possível inferir que o conteúdo não consegue atender ao público, pois o surdo deveria receber informações do dia, notícias quentes. Isso é um ponto muito negativo para os surdos de Minas Gerais já que este é o único telejornal do estado que utiliza a Linguagem de Sinais. E acreditamos o mais apropriado para tal público.

As cores do estúdio são bem equilibradas e harmônicas. No cenário aparece a cor branca, azul e vermelha. “Uma combinação clássica que não falha, o azul e o branco proporcionam um ambiente sereno e relaxado. Podendo ser adaptado a qualquer estilo decorativo.” (eudecoro.com). Além disso, como dito anteriormente “o predomínio do azul no cenário em planos fechados embebe a cena com as qualidades fundamentais para a imagem do telejornal: confiança, verdade e seriedade” (CARDOSO, 2008, p. 63).

O vermelho usado em menor proporção quebra um pouco o efeito sereno, mas usado entre o branco não passa a ideia de perturbação e sim chama a atenção de uma forma discreta, fazendo um ótimo contraste.

Quanto à apresentadora, em geral costuma usar roupas informais e em tons neutros. O azul é um dos favoritos. Sua maquiagem sempre discreta produz um efeito agradável a quem vê. O cabelo escuro um pouco abaixo do ombro está sempre liso e solto. Ela não costuma fazer uso de acessórios, no máximo um pequeno brinco e nada mais. Assim observamos que ela assume uma postura discreta, passa seriedade, confiança e serenidade deixando sempre a notícia em primeiro lugar.

Como observação final, acreditamos que as cores do cenário assim como o figurino privilegiam o jornal. No entanto os editores precisam repensar a divisão da tela na hora das reportagens que dificulta muito a visão. Fica extremamente difícil prestar atenção aos sinais e as imagens ao mesmo tempo sendo que cada uma está de um lado. Talvez fosse mais interessante passar as imagens na própria TV que fica como plano de fundo do estúdio facilitando assim a visão do telespectador.

Referências bibliográficas:

AMARAL, Alaúne I. Freitas do. **Estudo de Cores**. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil: 1973.

AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. **Identidade Visual e o Telejornalista: Uma reflexão conceitual sobre o papel do corpo e do figurino na apresentação dos telejornais**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN. Região Nordeste – Campina Grande: Intercom 2010. 15p. Disponível em:



http://agdaaquino.files.wordpress.com/2011/04/artigo_intercom_ne_2010_agdaaquino.pdf. Acessado dia 25 de Abril de 2012.

ARRUDA, Lílian; BALTAR, Mariana. **Entre tramas, rendas e fuxicos: O Figurino na Teledramaturgia da TV Globo** Editora: Globo. Rio de Janeiro: 2008.

CARDOSO, João Batista Freitas. **A semiótica no cenário televisivo**. São Paulo: Analumbre, 2008.

COSTA, António Firmino da. **Identidades culturais urbanas em época de globalização**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Fevereiro/2002, Vol. 17, n. 48, p.15-30.

DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm#art1. Acessado dia 25 de Abril de 2012.

EMERIM, Cárilda. **O texto na reportagem de televisão**. Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, RS. Caxias do Sul, RS: Intercom 2010. 15p. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0879-1.pdf>. Acessado dia 27 de Abril de 2012.

Eudecoro.com- disponível em: <http://eudecoro.com/artigos/como-combinar-azul-com-outras-cores>. Acessado dia 2 de Março de 2012.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Doutrina das cores**. São Paulo: Nova Alexandria, 1993. 175p.

GUIMARÃES, Luciano. **As cores na mídia: a organização da cor informação no jornalismo**. São Paulo. Annablume, 2003. 210p.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/27062003censo.shtm>. Acesso em 23 de Abril de 2012.

Jornal Visual do dia 03 de outubro de 2011. Disponível em: <http://www.redeminas.tv/centro-de-midia/jornal-visual/jornal-visual-dia-03-10-11>. Acessado dia 20 de Abril de 2012.

Jornal visual do dia 11 de Abril de 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=35WdanN5ZSI>. Acessado dia 20 de Abril de 2012.

Jornal visual do dia 17 de Abril de 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=3PoERxLCNFU>. Acessado dia 20 de Abril de 2012.

KLEIN, Carine Luísa. **O apresentador do telejornal: características de linguagem dos profissionais do jornal do almoço e do RBS notícias, sob o ponto de vista corporal, verbal e visual**. Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Feevale. 2010. 197 p.



[LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm) Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm. Acessado dia 25 de Abril de 2012.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de Telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

POLITO, Reinaldo. **Como Falar Corretamente e Sem Inibições**. 111. ed. São Paulo, SP: Saraiva, 2006. 312 p.

PORCELLO, Flávio. **Mídia e poder: o que esconde o brilho luminoso da tela da TV?** . Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Vol. 1, nº31, 2006. Disponível em <http://revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/1115/828->. Acesso em 27 de Abril de 2012.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SANTOS, Jobson Luz dos; MOREIRA, Jaqueline Neves. **A Educação especial e o telejornalismo: surdos, closed caption e intérprete de libras**. IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade I. Laranjeiras- SE. 2010. Disponível em: http://www.educonufs.com.br/IVcoloquio/cdcoloquio/eixo_09/e9-55.pdf. Acessado dia 29 de Abril.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 3. ed. Porto Alegre, 2005.

STROBEL, Karin Lilian; FERNANDES, Sueli. **Aspectos lingüísticos da LIBRAS**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial. Curitiba: SEED/SUED/DEE.1998.

YORKE, Ivor. **Jornalismo Diante das Câmeras**. São Paulo: Editora Summus, 1998. 202p.